

VIII CONINTER
Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Desafios do campo interdisciplinar em tempos de pós-verdade.

Título: AS CORPORALIDADES E A IDENTIDADE DE GÊNERO.

Autora: Ana Sofía **Pabón Chaves**¹. Estudante Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH). UFSC. Sofia.pabon150@gmail.com.

Palavras-chave: Corpos, gênero e jovens.

O objetivo da seguinte reflexão é trazer ao debate a relação entre as corporalidades e a identidade de gênero, por uma parte apresentando uma reflexão que implica construir esse caminho de identificar qual é o peso do corpo em seus processos de materialização como identidade de gênero e aquilo que pode significar para pensar o gênero como categoria de análise, por outra parte apresentar alguns estudos latinoamericanos desde as corporalidades que abordarem a identidade de gênero (homem/mulher) ou a orientação sexual (lésbica, gay, travesti) para pensar os aportes e os desafios de pesquisar o gênero e a sexualidade desde as lentes corporais.

Introdução.

O social é corporal.

Como professora em Educação Física e pesquisadora em estudos sobre educação e corpo teve a possibilidade de habitar diferentes cenários escolares no ensino fundamental, médio e universitário como também escolas de formação esportiva em Popayán-Colômbia, a traves desses cenários e experiências teve a necessidade de refletir sobre os corpos e a identidade de gênero porque fui testemunha de diversas situações onde o corpo é o principal referente de inclusão ou exclusão, de exaltação ou sinalamento, de apreciações ou desprecios e tudo a causa de julgamentos sobre a veracidade ou falsidade da identidade que se expressa, é dizer, se esse corpo representa uma mulher real ou um homem de verdade. Assim, brincadeiras, piadas, comentários como também olhares, atitudes, gestos e formas de ocupar os espaços se interligavam para reafirmar quais corpos eram bem-vindos e quais por representar o raro ou incomodo deviam ficar ocultos ou em silêncio. Como professora essas situações não foram fáceis de lidar e resolver porque tanto os sujeitos que se sentem fora da norma como os que se sentem dentro dela são corpos disputando um campo social-simbólico, é dizer, um campo que não é somente oral ou escrito, se ocupa e se exerce com o corpo.

Segundo o filósofo espanhol Paul Preciado (2017) o campo do social (que é simbólico) é um campo de ninguém, é um campo que nenhuma disciplina pode chamar de seu objeto de estudo porque este campo é imprevisível e sobre ele acontecem vires e devires, é dizer situações contingentes como impensáveis, e aquilo é precisamente o que a estrutura social na qual vivemos vigila e controla a traves de tabus que funcionam para

¹ Formada na Licenciatura em Educação Física, Recreação e Esportes. Especialista em Treinamento Esportivo. Magister em Educação, Estudos do Corpo e a Motricidade. Universidade do Cauca, Popayán – Colômbia. Estudante no Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH). UFSC. Contato: sofia.pabon150@gmail.com.

negar e punir essa possibilidade. Assim, aquela percepção minha de que a disputa entre as corporalidades é por um campo social-simbólico que não está totalmente legível e que inclusive pode estar mediado por a imaginação, os sentimentos e as experiências que são dimensões potencialmente corporizadas, levou-me a entender que os corpos são campos simbólicos interdisciplinares e suas lentes podem nos dar abertura a conhecer o que ainda não conhecemos, a resolver o que ainda não resolvemos e a desconstruir e construirmos novamente.

Resulta que esse campo social-simbólico que se disputa entre os corpos segundo Judith Butler (2010) esta mediado por uma rede que abrange toda materialidade, e que opera inteligivelmente para controlar os processos de materialização da identidade de gênero a traves da repetição de atos, para esta filosofa a identidade de gênero é o efeito de uma estilística de atos que de maneira aparente produzem a fantasia de que existem sítios ontológicos como uma mulher ou um homem de verdade. Assim a disputa e a tensão dentro dos campos sociais que habitamos corporalmente é uma disputa por ocupar de forma “fantasiosa/fictícia” representações de verdade, ação que paralelamente exerce o poder social-simbólico de manter a restrição ou de abri-la detonando-a, finalmente o que esta em jogo no campo social-simbólico é o fechamento ou a abertura das corporalidades, o que está em questão entre as corporalidades e a identidade de gênero é sua possibilidade.

Segundo Jhoan Scott (2012) no seu artigo “Os usos e abusos do gênero” a confusão quando falamos de gênero passa por acreditar que a diferença sexual não é a única causa de desigualdade entre mulheres e homens, o problema é que uma coisa é dizer que o gênero como categoria de análise deve abranger os diferentes eixos opressores e outra coisa é sair para a rua, olhar para as dinâmicas sociais e ser conscientes de que a referencia comum e ordinária do gênero é a diferencia sexual. Para mim é claro que o gênero em seu sentido mais comum e ordinário é identidade de gênero como diferencia sexual porque as estruturas simbólicas do que é ser mulher e ser homem corporalmente seguem vigentes. Segundo está antropóloga feminista é necessário voltar sobre as formas em que o gênero como categoria ordinária esta significando os sentidos e as experiências das e dos sujeitos para entender porque se repetem dinâmicas que nos mantêm na confusão.

O anterior indica que a identidade de gênero em seu sentido ordinário é corpo, aquilo sem pretender uma referencia sinônima ou uma correlação entre natureza-cultura, antes bem para dar peso á ideia de que o corpo deve ser tomado como uma categoria de análise das realidades tão valida como tem sido pensado o gênero pelas feministas, entre estas duas categorias vale a pena se questionar como estamos abordando e pensando a relação entre corpos e gênero? Qual é o estatuto ontológico de um e do outro termo nas nossas realidades ordinárias, comuns e diárias? Como também, quais são os desafios empíricos, teóricos e metodológicos para pensar o gênero por meio das lentes dos corpos?

Tentando de manter um fio condutor estre as perguntas feitas e o que se quer refletir, retomo a Judith Butler (1990) para enfatizar na reflexão que ela faz entre o corpo e a identidade de gênero a traves de uma frase feminista muito conhecida que é: “o pessoal é politico”, onde a autora aclara que aquela ideia do que é pessoal não é outra coisa que as experiências que as mulheres viveram e tiveram que viver nas lutas pelo

reconhecimento de seus diretos, e aquelas lutas que foram orais e escritas também foram lutas de corpos que tiveram que se enfrentar a se construir e desconstruir por aquelas repetições pelas que se abjudicavam uma identidade como mulher; desta forma, traduzir o lema “o pessoal e político” a “o social é corporal” significa afirmar que a relação entre as corporalidades e a identidade de gênero é um problema de repetição que ocorre nas maneiras mais mundanas de significação, levando em conta que por ser mundanas não são menos poderosas de expandir-se produzindo transformações sociais.

Os estudos latinoamericanos desde as corporalidades.

A continuação se apresentaram os estudos latinos desde as corporalidades que localizarem em suas abordagens o peso dos corpos como aparência física, experiência e auto-representação nas formas de fazer gênero. A busca foi feita em indexadores como EPSCO, Scielo Colombia e Brasil, Pubindex, Dialnet para uma coleta de 70 artigos, 42 deles produto de pesquisas qualitativas em torno de palavras chave como corporalidades e gênero e os outros 44 de reflexões teóricas em torno da discussão sobre corpo, gênero e jovens. Sendo que os estudos lidos foram posteriormente agrupados em quatro tendências que abrigarem a uns critérios de aproximação á reflexão não se irão apresentar todos só os concernentes á especificidade de esta.

Em uma primeira tendência se encontrarem os estudos que focavam nas corporalidades heterossexuais, levados a cabo em México (ZARZA, 2009; SOZA, ERVITI & MENKES, 2012), Brasil (FILGUEIRAS, GALVAO & BEIRAS, 2009), Argentina (BIANCIOTTI, 2011) e Chile (SILVA & ESPINOZA, 2015). Na segunda tendência têm sido localizados os estudos que focaram nas corporalidades de homens gays, em México (GALLEGO, 2011; MARCIAL, 2009) e Brasil (RODRIGUES & MOULIN de SOUZA, 2015; ZAGO, 2013). Na terceira tendência aparecem os trabalhos relacionados às corporalidades de mulheres lesbianas com trabalhos em Brasil (RODÓ de ZÁRATE, 2016) e Colombia (ZÚÑIGA, 2015). E na quarta tendência se situam os trabalhos com relação às corporalidades travestis em Colômbia de (ESCOBAR, 2013) e (BURITICÁ, 2013).

Reflexões para concluir.

A necessidade de seguir mostrando que a identidade de gênero homem e mulher é fictícia. Como mostram os estudos a primeira transgressão á identidade de gênero é ter um corpo afrolatino, afeminado ou andrógino, as corporalidades latinas então antes de ser nomeadas diferentes por questiones de orientação sexual representam já uma exclusão por ser de cores de pele não brancas, não ocidentais e não capitalistas. Aquilo é chave par entender que a lente corporal permite desvelar a posição desde a qual nós nos encontramos para pensar o que significamos como "normal" e "diferente" a traves da identidade de gênero.

O Corpo faz seu próprio sentido de gênero quando usa sua experiência. O problema é de repetição? O que se está repetindo como identidade de gênero? Como podem os corpos ganhar peso nos círculos sociais e políticos de maior poder simbólico? Por outra parte os estudos sobre as corporalidades homossexuais sejam gays, lésbicas ou travestis deixam claro que não é possível localizar as corporalidades

fora da condição heterossexual, pois essa condição permeia as formas de socialização homosocial sobre todo nas primeiras experiências afetivas, sexuais e eróticas, ainda que depois as experiências, práticas e sentidos corporais permitam aos sujeitos decidir com certa autonomia sobre sua própria experiência. O corpo faz seu próprio sentido de gênero.

Não para todas as corporalidades aplica o análise das opressões? Eis curioso que os estudos sobre jovens gays e lésbicas não apresentassem em seus análises condições corporais como a cor de pele, o fenótipo, as questões de classe, e aquilo se fala muito bem com os estudos da primeira tendência, pois entre que uns jovens só querem corporalmente atingir ou não atingir aos marcadores sexuados de mulher e homem, outros jovens a se assumir como gay ou lésbicas se redefinem corporalmente em outras simbologias que põem de relevo que o que está em jogo não é a exclusão por a cor de pele ou por ter um corpo afrolatino, o que esta em jogo é a exposição da orientação sexual, do lazer, do gosto.

O desafio de registrar o poder simbólico do corpo. O desafio de registrar o poder simbólico do corpo, de seus movimentos, seus gestos, seus atos, suas formas de vestir, suas expressões ou disposições corporais, todo isso fica oculto, calado e não se valoriza nos estudos, estamos tentando pensar a traves de estas pesquisas que sim é possível esse registro. Com o anterior vale dizer que é precisamente nos estudos sobre as corporalidades lésbicas e sobre as corporalidades travestis onde se encontrarem outras técnicas como os mapas de relevo e os mapas de experiência.

Referências Bibliográficas

BUTLER, Judith. Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. Tomado de Sue-Ellen Case (ed.), *Performing Feminisms: Feminist Critical Theory and Theatre*, Johns Hopkins University Press. 1990, p. 270 - 282.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan. Sobre los límites materiales y discursivos del sexo*. Buenos Aires: Paidós, 2010.

BIANCIOTTI, María Celeste. Cuerpo y género: apuntes para pensar prácticas eróticas de mujeres jóvenes. Aportes de Judith Butler y Pierre Bourdieu. *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad*, n. 6, 2011, p. 70-82.

BURITICÁ, Isabel Cristina. Travesti: la construcción de la identidad individual y colectiva desde el cuerpo y el ejercicio de la prostitución. *La Manzana de la Discordia*, v.8. n. 2, 2013, p. 71-86.

CURIEL, Ochy. Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista. *Nómadas*, n. 26, Bogotá, 2007, p. 92-101.

FILGUEIRAS, Maria; GALVÃO, Adrião & BEIRAS, Adriano. Reflexiones sobre corporeidad y constitución de subjetividades en jóvenes de una ciudad del sur de Brasil. *Revista La Ventana*, n. 30, 2009, p. 222-250.

FOUCAULT, Michel. Tecnologías del yo. Y otros textos afines. Ed. Paidós, Barcelona, España. 1996.

FOUCAULT, Michel. Vigilar y castigar: el nacimiento de la prisión. Ed. Siglo XXI editores, México, 1976.

HARO, María José. Políticas da juventude na Argentina e no Brasil. Conquistas e desafios atuais. Em: Juventude, participação e desenvolvimento social na América Latina e Caribe: Escola Regional MOST UNESCO Brasil. 2014. Visitado em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000232530>

LAÍN, Pedro. El cuerpo humano: Oriente y Grecia antigua. Madrid: Alicante, 2012.

LE BRETON, David. Antropología del cuerpo y modernidad. Ed. Nueva visión, Buenos Aires, 2002.

REGUILLO, Rosana. Culturas juveniles. Formas políticas de desencanto. Ed. Editores Siglo XXI, Buenos Aires, 2012.

RODRIGUES, Paulo. & MOULIN DE SOUZA, Eloisio. Laclau, sexualidades e os corpos: análise das subjetivações ursinas. *Revista Psicologia & Sociedade*, v. 27, n. 2, 2015, p. 267-279.

RODÓ DE ZÁRATE, Maria. ¿Quién tiene derecho a la ciudad? Jóvenes lesbianas en Brasil y Cataluña desde las geografías emocionales e interseccionales. *Revista Latinoamericana de Geografía e Género*, v. 7, n. 1, 2016, p. 3-20.

SERRANO, Jose Fernando (coord. Acad.). Otros cuerpos, otras sexualidades. Ed. Instituto Pensar, Bogotá, D. C, Colombia, 2006.

SILVA, Jimena & ESPINOZA, Ricardo. Cuerpos legítimos /ilegítimos: subjetivación de la masculinidad de hombres jóvenes en el norte de Chile. *Revista Ciencias sociales*, n. 13, 2015, p. 173-216.

SOSA, Itzel; ERVITI, Joaquina & MENKES, Catherine. Haciendo cuerpos, haciendo género. Un estudio con jóvenes en Cuernavaca. *Revista La Ventana*, n. 35, 2012, p. 255-291.

BECERRA, Ana Cecilia & Peña, Wilmar. Sexo y sexualidad, complejidad de la identidad Humana. *Revista Colombiana de Enfermería*, n. 8, 2013, p. 187-199.

SCOTT, Joan. Os usos e abusos do gênero. Trad. Ana Carolina E. C. Soares. Em: Projeto História, São Paulo, n. 45, 2012, p. 327-351.

PRECIADO, Paul. Manifiesto contrasexual. *Práticas subversivas de identidade sexual*. Ed. N-1 Edições, São Paulo, Brasil, 2017.

ZAGO, L. P. “Armários de vidro” y “corpos sem cabeça” na biossociabilidade gay online. *Comunicação Saúde Educação*, v. 17, n. 45, 2013, p. 419-31.

ZARZA, Martha. Universitarios y universitarias de México y el cuerpo simbólico como construcción de género. *Revista Latinoamérica Ciencias Sociales Niñez y Juventud*, v. 7, n. 2, 2009, p: 1349-1377.

ZÚÑIGA, Ingrid. Subjetividades femeninas. Vivencias y transgresiones de cuerpos lesbianos. *La Manzana de la Discordia*, v. 10, n. 2, 2015, p. 55-70.